

# COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO: que mulheres formaste? A constituição do feminino e a formação de preconceitos a partir de uma análise de gênero<sup>1</sup>

Immaculate College Conceição: what women did you form? The constitution of the feminine and the formation of prejudices based on a gender analysis

*Lisiane dos Santos<sup>(\*)</sup>*  
*Juliana Machado<sup>(\*\*)</sup>*

## Resumo

O gênero é o conceito central desse trabalho. A metodologia usada foi a pesquisa documental e a entrevista, em uma abordagem qualitativa. A partir daí, foram observadas as relações de poder relacionadas ao gênero e às manifestações de princípios de uma educação feminina do início do século XX e atualmente.

**Palavras-chave:** Colégio Imaculada Conceição. Educação Feminina. Gênero.

## Abstract

Gender is the central concept of this research. The methodology used was a desk research and interviews in a qualitative approach. From there, they were subject to the power relationships related to gender and the manifestations of principles of female education in the early twentieth century, today.

**Keywords:** College Immaculate Conception. Women's Education. Genre.

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho parte de um interesse que surgiu no 2º semestre da minha graduação no curso de licenciatura em Pedagogia da Unipampa, Campus Jaguarão. Na disciplina de História da Educação do Brasil, foi proposta a elaboração de um artigo que tratasse sobre um ponto da educação brasileira. Minha escolha foi a educação feminina, mais especificamente os primórdios dessa educação no município de Jaguarão, localizada no Estado do Rio Grande do Sul. Para essa pesquisa, busquei fontes sobre o Colégio Imaculada Conceição, primeira instituição de ensino do município, de cunho religioso, voltada para as mulheres.

A partir daí me senti motivada a buscar mais informações sobre a temática já que o que encontrava era um cenário que formava uma mulher submissa, alienada, preparada para o trabalho de casa e sem visão de um futuro profissional, uma trajetória em que a mulher não tinha valor algum para a sociedade, que vivia para ser comandada

---

<sup>1</sup>Artigo produzido como resultado do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia UNIPAMPA/Campus Jaguarão/RS.

(\*) Universidade Federal do Pampa UNIPAMPA/RS. E-mail: lisiardiz@gmail.com.

(\*\*) Universidade Federal do Pampa UNIPAMPA/RS. E-mail: juju.bmachado@gmail.com.

pelo homem. Analisando esses pontos, percebi quantos avanços tivemos ao longo de anos de luta, quantos preconceitos surgiram e foram reforçados através dessa educação e quantos desses aspectos ainda se manifestam na sociedade. Como essas reflexões sempre despertaram meu interesse decidi que meu trabalho de conclusão da graduação abordaria a temática do “tornar-se mulher”, já que como nos mostra Simone de Beauvoir (1949) “um ser humano do sexo feminino ‘não nasce mulher’, antes ‘se torna mulher’, através da aprendizagem e repetição de gestos, posturas e expressões que lhe são transmitidos ao longo da vida”.

A educação ofertada para as mulheres no início do século XX visava à preparação da mulher para ser uma boa dona-de-casa e esposa. Dessa forma originaram-se inúmeros preconceitos relacionados aos papéis desempenhados pelas mulheres em sociedade. Também não se pode deixar de levar em consideração algumas concepções que foram sendo reforçadas, como o casamento que deve durar para a vida inteira, o magistério como profissão essencialmente feminina, a organização do lar que deve estar sempre impecável, entre outros.

A problemática dessas questões está no sentido de se perceber como ainda, numa sociedade com tantos avanços em diversas áreas, há tantas distinções entre mulheres e homens e como conceitos construídos no início do século XX ainda se perpetuam.

Após a introdução apresentada, será abordada a metodologia utilizada durante a pesquisa. Na sequência, a fundamentação teórica, onde serão discutidos os conceitos abordados, que fundamentarão a análise de dados, discutindo a educação feminina no início do século XX e a concepção de gênero na formação de identidades femininas. Encerrando o artigo, apresento minhas considerações finais, mostrando a constituição do feminino e a formação de preconceitos oriundos de uma educação fragmentada e discriminadora. Também trago as referências e anexos, que contribuirão para um melhor entendimento dos conceitos abordados.

## METODOLOGIA

A pesquisa teve o objetivo de analisar a educação ofertada às mulheres (alunas) do Colégio Imaculada Conceição e suas manifestações atualmente como constituição do feminino. Para tanto foi necessário resgatar aspectos históricos do Colégio e comparar a concepção de “feminino” em diferentes épocas de funcionamento do mesmo. Quando

questiono “Como se manifestam, atualmente, aspectos do que é ‘ser mulher’ que orientavam a educação feminina no Colégio Imaculada Conceição?”, busco analisar a constituição social e histórica da identidade feminina que se construiu no início do século XX, mostrando os preconceitos gerados a partir desse modelo de sociedade patriarcal e como ainda se manifestam atualmente. Para aprofundarmos a discussão foram estabelecidas relações do período de funcionamento da escola com o Movimento Feminista Brasileiro.

A primeira etapa da pesquisa realizou-se começando pelo resgate histórico do Colégio Imaculada Conceição através de documentos do Instituto Geográfico e Histórico de Jaguarão e da 5ª Coordenaria Regional de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (CRE/RS). No Instituto Geográfico e Histórico, busquei documentos com registros sobre o currículo, eventos, organizações que esse Colégio participasse para que pudesse entender como era direcionada essa educação às mulheres, quais objetivos tinham. Na 5ª CRE, consegui um dos últimos currículos do Clássico Científico e do Curso Normal, aprovado pelo Conselho Estadual de Educação (CEE). Não haviam registros sobre outros cursos e organizações do colégio, exceto os históricos escolares de todas as alunas que lá estudaram.

Os documentos têm extrema importância para a pesquisa já que trazem registros permitindo uma análise de um tempo passado, as concepções que permeavam a educação feminina, a visão da mulher como um ser de atuação restrita ao lar. Segundo Pádua (1997, p.62):

Pesquisa documental é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências [...]

A segunda etapa da pesquisa parte da entrevista que foi realizada para que se estabeleçam comparações sobre o currículo e suas influências na constituição das mulheres (alunas) que ali estudaram em diferentes épocas. Essa abordagem metodológica, de caráter qualitativo, tem o objetivo de analisar os conceitos que ex-alunas têm a respeito do que é “ser mulher”, as conquistas femininas na sociedade, os preconceitos gerados a partir dessa educação.

A entrevista contribui de forma significativa para a pesquisa, já que possibilita analisar outros aspectos que não aqueles que já haviam sido pré-definidos, pois as respostas trazem concepções diferentes. Durante uma conversa na escola em que trabalho, comentei com minhas colegas sobre o meu TCC e que precisava entrevistar pessoas que tivessem estudado no Colégio Imaculada Conceição. Para minha surpresa uma das professoras foi aluna lá e prontificou-se a conceder a entrevista. A ex-aluna entrevistada estudou na escola por volta de 1966, cursando do 1º ao 4º ano; atualmente é professora no município de Jaguarão.

A seguir, será apresentada uma discussão conceitual para que se possa abordar o gênero feminino que se constituiu a partir de uma educação patriarcal, em que as mulheres tinham sua atuação restrita ao espaço privado, ou seja, à vida em família e seus cuidados com a mesma.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação feminina no Brasil no início do século XX tinha como objetivo formar mulheres, que soubessem organizar uma casa, cuidar da família, conseqüentemente, tornavam-se submissas aos homens, aprendendo a não questionar o marido e, principalmente, não ter ideias próprias. Quando se pensou em uma formação profissional, esta foi direcionada ao cuidado de crianças, formando professoras.

As mulheres deveriam ser educadas, mas jamais instruídas, pois a educação é mais abrangente e global enquanto que a instrução está relacionada a saberes e informações científicas, sendo assim não teriam condições de competir com os homens e continuariam sujeitas a subordinação. Nesse sentido, Almeida nos mostra o que eram as atribuições femininas e o medo que havia, por parte dos homens, de que as mulheres se libertassem já que “[...] Dentre as atribuições femininas não estava prevista a concorrência com os homens em termos profissionais e intelectuais, o que possibilitaria a ultrapassagem dos limites de segurança”(1998, p.32).

Quando a educação feminina foi direcionada à formação profissional, pensou-se algo que fosse parecido com as funções de dona de casa e mãe, ou seja cuidar de crianças e organizar esses espaços, e a profissão que possibilitaria isso seria o magistério. No Estado do Rio Grande do Sul, tivemos como modelo o Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha que formou inúmeras professoras do primário,

assim como o Colégio Imaculada Conceição. Louro nos mostra como era pensado o perfil feminino para a formação profissional:

Sabemos que há uma ideologia que prega um perfil feminino dócil, submisso e obediente, uma mulher dedicada apenas às funções de mãe ou à participação profissional condizente com essas funções, e que esta ideologia foi sendo construída ao longo do tempo. (1987, p.12)

Depois de algumas décadas em que as mulheres viveram a mercê da vontade masculina e de uma sociedade excludente, começa a conquistar espaço no Brasil o movimento feminista que busca a libertação dessa opressão, condições de igualdade de direitos e principalmente o ganho de espaço na vida pública. No Brasil, segundo Ribeiro (2014), o movimento feminista teve três ondas. Apresentarei as três etapas abordadas pela autora buscando um paralelo com as atividades desenvolvidas no Colégio Imaculada Conceição.

A primeira onda do feminismo busca o direito da mulher de trabalhar, no início do século XIX. O Colégio Imaculada Conceição, nesse período, estava retomando suas atividades com cursos de datilografia e de corte e costura. A segunda onda desse movimento, nos anos 1970, continuava na busca pela valorização do trabalho feminino, data em que se formavam as últimas turmas de normalistas no colégio e que conquistavam aos poucos seu espaço de atuação pública já que promoviam palestras e atuavam em uma escola assistencial. Quando a terceira onda do feminismo trouxe à discussão os paradigmas que se constituíram nas duas primeiras, o Colégio Imaculada Conceição já havia encerrado suas atividades.

No Brasil, o “assumir essa postura incômoda”, o movimento feminista, teve início no século XIX, o que chamamos de primeira onda. Nesta, as reivindicações eram voltadas para assuntos como o direito ao voto e à vida pública. Um grande nome dessa onda é Nísia Floresta. Em 1922, nasce a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que tinha como objetivo lutar pelo sufrágio feminino e o direito ao trabalho sem a autorização do marido. (2014)

A educação feminina do início do século XX corroborou para a formação de vários preconceitos em relação à mulher e seu espaço de atuação na sociedade. Um equívoco comum, atualmente, é pensar que quando falamos em gênero estamos tratando somente do feminino.

Várias são as interpretações quando se usa o termo gênero, alguns consideram que está relacionado aos aspectos biológicos do masculino e do feminino, outros

acreditam ser uma constituição social. Para que se tenha uma compreensão sobre o que será abordado nesse artigo, quando se utilizar o termo gênero, é necessário considerar o que afirma Scott:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas na diferença percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder. [...] [1995, p.86]

Trazendo a discussão esse conceito, considero que o gênero é algo relacionado ao masculino e ao feminino, sem sobrepor um ao outro e, principalmente, construído em sociedade através das relações. O gênero é constituição do sujeito e de sua identidade.

Para Louro, o conceito de gênero “[...] pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são "trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico"(1997, p.22).

Partindo desse conceito, pode-se afirmar que o gênero é baseado nas características sexuais levando em consideração suas representações que são construídas através da prática social em diferentes contextos históricos.

Nesse sentido percebe-se que quando se fala em gênero trata-se de uma diferenciação entre homem e mulher e suas relações na sociedade. As relações entre gêneros estabelecem as relações de poder na sociedade, como nos aponta Saffioti (2004).

No campo do gênero, *os homens como categoria social* têm liberdade quase absoluta, desfrutam de *autonomia*, conceito político, coletivo, cujo significado é não necessitar pedir licença à outra categoria de sexo para realizar seus projetos, seus desejos. Já as mulheres como categoria social precisam solicitar autorização à primeira categoria[...]" (p.50)

A partir daí, pode-se pensar em gênero como uma construção social em que o convívio em sociedade vai ditando o que é cabível a cada um, já que durante muito tempo se reforçou que os homens são os seres dominantes. Se essa é uma constituição histórica, também é possível mudar a visão que se tem em relação ao domínio do masculino sobre o feminino.

Esse domínio do masculino sobre o feminino é característica principal da sociedade patriarcal, onde as decisões e a família são comandadas pelos homens, o papel da mulher é o de boa esposa obediente, dócil e procriadora que acata as ordens do pai ou do marido. Na sociedade patriarcal, o poder é exercido somente pelos homens,

que têm como dever desempenhar papéis políticos e administrativos, e preservar a família para que seu legado seja perpetuado.

Os aspectos discutidos nessa seção mostram como se constituiu a educação feminina e o conceito de gênero numa sociedade patriarcal, isso permitirá uma melhor análise dos dados apresentados a seguir que visam discutir as relações de gênero e de poder, a constituição e a identidade femininas.

## COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO: UM POUCO DE HISTÓRIA

O Colégio Imaculada Conceição foi fundado em 1901, pelas irmãs franciscanas<sup>2</sup> que vieram prestar serviços na Santa Casa de Caridade de Jaguarão, fundada por Carlos Barbosa Gonçalves, então deputado estadual e que posteriormente assumiria o governo do estado. Em 1920, o colégio foi fechado e o prédio vendido ao estado. Em 1924, as famílias solicitaram o retorno das irmãs à Madre Laeta, madre superiora da província, oferecendo ajuda e moradia isenta de aluguel para o reinício das atividades escolares.

Foi em fevereiro de 1924 que se inaugurou o externato e um curso primário para crianças pobres, atingindo o número de 166 (cento e sessenta e seis) alunas matriculadas, e dessas, 120 (cento e vinte) receberam a 1ª comunhão. Com o auxílio do prefeito Dr. Alcides Marques, em 13 de julho de 1931, realizou-se a compra de um prédio (foto em anexo).

A pesquisa nos documentos do Instituto Geográfico e Histórico foi realizada em busca de fatos que pudessem atender aos objetivos do estudo. Apresentarei esses fatos de forma linear sem deixar de reconhecer a processualidade da história vivida no Colégio. A seguir serão pontuados acontecimentos importantes durante os anos de funcionamento do colégio.

**1932:** No início do ano letivo haviam 83 (oitenta e três) alunas matriculadas finalizando com 172 (cento e setenta e duas), sendo que destas, 7 (sete) alunas receberam o diploma do curso de datilografia; a Congregação Mariana foi transferida para o Colégio onde 43 alunas receberam a 1ª comunhão.

**1933:** O Colégio teve participação na festa civil do dia da bandeira com exposição de pintura e trabalhos manuais feitos pelas alunas.

---

<sup>2</sup>Religiosas de uma congregação inspirada na espiritualidade de São Francisco de Assis. Esta espiritualidade caracteriza-se por um jeito de viver e de relacionar-se com Deus, com o outro e com toda a criação: uma fraternidade universal.

**1935:** Nesse ano havia um total de 201(duzentas e uma) alunas. Também foi organizado o curso de Corte e Costura.

Nesses primeiros anos, depois do reinício das atividades escolares percebe-se o crescente número de matrículas e a preocupação em preparar a mulher para o desempenho de atividades domésticas, com a realização de trabalhos manuais, como corte e costura, artesanato, crochê, entre outros. Por outro lado, percebe-se a oferta do curso de datilografia, que já abrange um espaço fora do privado, da casa, mas mesmo assim é preciso analisar se havia oferta no mercado de trabalho para que essas alunas exercessem as atividades de datilografia. Por ser um colégio de freiras, a religião é algo muito forte diretamente ligada à educação dessas alunas.

As participações em desfiles cívicos e festas militares contribuem com a ideia de rigidez, disciplina e obediência, visto que as mulheres mantêm uma postura ereta e extremamente alinhadas durante a marcha, conforme vemos na foto a seguir. Essa característica é muito presente nos militares e suas organizações, por serem dominadas por homens.

**Figura 1: Desfile de 7 de setembro de 1965.**



Fonte: Livro Franciscanas em Jaguarão- 1965.  
Acervo do Instituto Geográfico e Histórico de Jaguarão

**1953:** Destaque para a visita do Secretário da Educação e Cultura Dr. Júlio Marino de Carvalho.

**1954:** A visita da irmã Lourdes teve o objetivo de organizar a escola Normal Regional, onde se formariam as primeiras Normalistas do Colégio Imaculada Conceição.

**1955:** Foram realizados os exames de admissão à 1ª série do Curso de Formação de Regentes do Primário, em que 48 (quarenta e oito) candidatas obtiveram aprovação.

**1956:** Esse foi o ano de fundação do Curso Normal de 2º grau, conforme regulamento do ensino Normal do RS, obtendo licença de funcionamento em janeiro.

**1957:** Em outubro foi aberto o Curso de Folclore Normalista, também criou-se anexo à escola Normal, o ginásio Carlos Barbosa.

Na década de 1950, percebe-se uma maior oferta de cursos, pensando numa profissionalização das mulheres. Essa ideia vai ao encontro dos ideais feministas, que neste período encontrava-se em sua primeira onda, reivindicando o direito à vida pública. Outro ponto marcante são as frequentes visitas dos superiores para fiscalizar o funcionamento do colégio e organizar novos cursos. Como a disciplina e o rigor eram critérios dessa instituição, tinham excelentes pareceres após as visitas.

Quando se pensava em profissionalizar a mulher, já se previa a que tipos de saberes ela teria acesso. Tais saberes direcionavam uma formação que não permitia a conquista de poder, não ampliava suas possibilidades de análise. O processo de profissionalização era restrito, as políticas educacionais determinavam os tipos de formação destinada às mulheres e essas imposições culturais eram aceitas por elas. Certamente isso não acontecia de modo passivo, tanto que temos o movimento feminista como marca desta luta por igualdade de direitos. Mais uma vez, limitando-se a atuar onde os homens lhes permitissem, até porque o saber ao qual tinham acesso não lhes permitia questionar, nem tentar modificar sua situação. Para os homens, essa era uma situação cômoda, visto que eles tinham maior acesso ao saber, portanto tinham mais poder de dominação sobre as mulheres e na sociedade.

Ao longo da história, a educação e a profissionalização femininas têm sido relegadas a um plano secundário. Muitas vezes também são objeto de distorções do ponto de vista dos homens e até das próprias mulheres que, por força das imposições culturais, assimilam valores masculinos e aceitam ser confinadas à reprodução biológica e às esferas provadas sem questionar esses papéis. Isso implica o estabelecimento de relações de poder entre os dois sexos que passam, também, pela questão do saber, dado que conhecimento e poder estão necessariamente interligados. (ALMEIDA, 1998, p. 31)

As relações de poder na sociedade se constituem através do domínio daqueles que têm mais conhecimento sobre aqueles que detêm menos, sendo assim, a melhor maneira de manter o poder nas mãos dos homens era dar à eles uma educação com

acesso à informações e conhecimentos científicos enquanto que para as mulheres lhes eram permitidas informações que as ajudassem no desempenho de suas funções já delimitadas pela sociedade. Nesse sentido, a mulher sempre estaria em desvantagem em relação ao homem e jamais chegaria a disputar o poder ou colocá-las em situação semelhante à dos homens.

**1958:** Nesse ano duas datas tiveram grande destaque para a história do Colégio, 12 a 14 de outubro, receberam a visita da Superintendência do Ensino Normal e em 13 (treze) de dezembro, formatura da primeira turma de regionalistas, com 12(doze) formandas.

**1959:** Formaram-se 20(vinte) professoras no curso de Regentes do Ensino Primário, no 2º ciclo, 14(quatorze) formadas. Em janeiro, inaugurou-se o Lar de Meninas e em abril, o Lar de Meninos que teve como diretor o Reverendíssimo S. Pe. Luis Capponi

**1960:** D. Branca Barbosa oferece o prêmio de C\$ 10.000 (Dez mil cruzeiros) à 1ª colocada no Ginásio Carlos Barbosa.

**1962:** Início do trabalho missionário e alfabetização no Cerro da Enfermaria, onde em 1963, numa ala da enfermaria, as normalistas da última série ensinavam as primeiras letras às crianças pobres.

**1964:** Participação no Concurso de Trabalhos Literários.

**1965:** As normalistas promoveram palestras psicológicas pela Rádio Cultura. A grande conquista do ano foi o reconhecimento da Escolinha do Cerro da Enfermaria “Escolinha Assistencial Santo Antônio”.

No ano de 1966, o Colégio Imaculada Conceição teve grande destaque ao montar uma banda Marcial exclusivamente feminina, algo que causou profundo estranhamento na comunidade jaguarense, visto que a mulher era considerada um ser frágil que dependia do amparo do homem. Isso acabou modificando um pouco dessa ideia quando as alunas mostraram sua capacidade de tocar os instrumentos e competir em concursos ficando entre os primeiros colocados na cidade de Porto Alegre. Jorge Passos, ex-aluno da escola, quando a mesma tinha uma classe mista, nos mostra um pouco de suas lembranças.

Apesar do tempo transcorrido, ainda recordo as repercussões de espanto e incredulidade quanto ao êxito da proposta que esse ambicioso projeto de montar uma banda marcial exclusivamente feminina, idealizado e bancado pela [Corália](#), provocou na cidade e no próprio Colégio. Tratava-se de um grande desafio para as alunas tocar instrumentos de sopro, clarineta, trompete, pistón e de percussão mais pesados, que eram tradicionalmente exclusividade masculina. [...]

Em 1966 a Banda do colégio das [Freiras](#) já estava no auge. Participou em Porto Alegre de um concurso de [Marciais](#) sendo premiada nas primeiras colocações, só ficando atrás da [Banda](#) do Colégio São João, que tinha perto de 160 componentes. (2014)

A idealização e a concretização do projeto da banda marcial mostra uma pequena mudança na visão do perfil feminino, já que nessa esfera elas podiam competir com os homens, e podiam sair do espaço escolar para mostrar suas habilidades musicais.

No período final de funcionamento do Colégio, percebe-se um maior espaço de atuação das alunas fora da instituição; as mesmas ministram palestras e ensinavam em uma escola assistencial, começam a atuar em espaços públicos, massem deixar a esfera do magistério, que é a profissão permitida às mulheres e que lembra o cuidado com os filhos.

O Colégio Imaculada Conceição teve outras organizações, como um Centro de Tradições Gaúchas (CTG) com uma internada, e por ser uma instituição em que estudavam somente mulheres, algumas usavam os trajes femininos (vestido de prenda) e outras usavam a indumentária masculina (bombacha, camisa e lenço), conforme fotos em anexo.

Segundo o Jornal A Folha Regional, na edição de 16 de junho de 2011, em 1974 foi o último ano escolar e em 1975, a escola Imaculada Conceição foi desativada.

Depois desse breve histórico, pode-se perceber que durante o tempo de funcionamento do Colégio, as datas comemorativas eram celebradas com festas e desfiles, integrando-se com os militares e uruguaios. Também apresentavam um caráter de solidariedade, já que prestaram auxílio às famílias atingidas pela enchente do Rio Jaguarão, em 1941, além da Escolinha Santo Antônio que foi iniciativa do Colégio.

Diante da pesquisa do histórico do Colégio Imaculada Conceição, alguns questionamentos surgem: como era pensada a mulher nesse Colégio? E as freiras que desempenhavam suas atividades lá não se sentiam incomodadas em contribuir para reforçar a imagem de que a mulher só servia para os trabalhos domésticos e que seu espaço de atuação era restrito ao lar, sem possibilidade de competir no mercado de trabalho?

A mulher deveria ser educada para ser uma boa esposa, sua maior preocupação deveria ser o casamento, em que ela seria obediente ao marido e dedicada às tarefas da casa e aos cuidados com os filhos. De acordo com Almeida:

Disciplinada pelos homens, a educação das mulheres continuou um prolongamento da educação familiar e, enquanto estudavam, as jovens aguardavam o casamento- o que *realmente importava em suas vidas*. Deixaram de ser as procriadoras incultas para tornarem-se as esposas educadas, conhecedoras das necessidades do marido e dos filhos, alicerces da moral e dos costumes, fiéis guardiãs do lar cristão e patriótico [...] (1998, p. 35).

Na sociedade patriarcal, o maior objetivo da mulher tinha que ser a realização de um bom casamento, não importava tanto o estudar, mas sim saber suas funções no lar, para com o marido e os filhos sempre baseada nos princípios da moral e dos bons costumes ensinados pela Igreja Católica. Podemos observar também as diferenciações que eram feitas entre mulheres de acordo com os princípios da Igreja.

A igreja e o estado apostavam no sucesso do papel feminino. Dentro de casa, a mulher poderia comandar alianças, poderes informais e estratégias. Mas apenas dentro de casa. Na rua, era outra coisa. O risco da perda da honra crescia, conversas com homens eram inadmissíveis. Estar fora depois das Ave-Marias era sinônimo de se prostituir. A diferença entre as mulheres de casa, em geral casadas, e as da rua, trabalhadoras concubinadas ou sós, acentuava-se. (Del Priore, 2013, p.19)

Essa diferença que se estabelecia entre as mulheres casadas e as que trabalhavam fora de casa vinha de pensamentos preconceituosos típicos da sociedade patriarcal sustentados pela Igreja Católica, ou seja, a mulher não tinha vez nem voz, todas as esferas da sociedade as discriminavam.

As freiras que desempenhavam suas atividades no Colégio tinham uma formação religiosa que reforçava ainda mais as ideias de educação feminina já discutidas, então elas exigiam o mesmo rigor e disciplina vividos em sua formação, das alunas. Sendo assim, elas trabalhavam dentro da perspectiva que lhes era permitida e que conheciam, sem se incomodarem em estar formando as alunas para serem objetos de dominação.

Na 5ª CRE, encontrei um documento que estabelecia o currículo para o Clássico Científico e o Curso Normal, no período dos anos 1960 em diante. Esse currículo contava com as disciplinas básicas: português, matemática, história, geografia, ciências, filosofia, educação moral e cívica, entre outras, educação física, artística e religiosa eram tidas como práticas e não disciplinas. O Curso Normal possuía suas especificidades por ser de formação profissional, então em seu currículo tinham as disciplinas básicas e as metodologias assim como as disciplinas de educação para o lar e higiene escolar.

Mais uma vez, a mulher sendo profissionalizada, mas sem deixar de ser preparada para a vida do lar. Outra questão se destaca: Como se educa a mulher para o lar?

A mulher, para que seja uma boa esposa e mãe, deve saber suas funções e limites de atuação no espaço privado, ter um perfil obediente, realizar as tarefas domésticas de forma adequada, saber executar trabalhos manuais. Após essas análises, veremos na próxima seção as influências dessa educação feminina na formação e construção da identidade de uma ex-aluna.

## A ENTREVISTA E SUAS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

A entrevista começa abordando o que “é ser mulher”. Em sua fala a entrevistada considera a mulher

um sexo frágil, mas ao mesmo tempo corajosa diante das dificuldades. Atualmente ganhando mais espaço No campo de trabalho, mais conquistadora, mais independente. A mulher não quer mais ser submissa ao homem, conquistando cada dia melhor seu espaço na sociedade atual tão competitiva.

Através dessa fala, pode-se perceber o quanto a mulher ainda é julgada como um ser frágil apesar de muitas conquistas, isso pode ter relação com o fato de por muitos anos a mulher ter sido considerada incapaz de competir com os homens, de ser alguém que precisa da “proteção” do pai ou do marido ou também pode revelar uma acomodação.

Outra questão que merece destaque na fala é a conquista do espaço público, onde a mulher ganha maior visibilidade na sociedade, compete no mercado de trabalho, conquista independência e direitos. Mas em relação ao acesso aos espaços públicos, a mulher ainda não tem a mesma participação que o homem e, em alguns casos, nem a mesma remuneração e poderes que o mesmo teria. Na área política isso é percebido mais significativamente, como nos apontam Costa e Silvestre.

Nas últimas décadas as mulheres têm conquistado um significativo espaço na arena política, o que, de certa forma, gera repercussões no campo da saúde. No entanto ainda se encontram em franca desvantagem na ocupação de espaços de poder. Isto é constatado nos registros de 2001 sobre a participação feminina na administração pública federal a partir da distribuição dos cargos DAS (Cargos de direção e assessoramento superior), ficando evidente que a participação proporcional da mulher diminui à medida que aumenta o nível de poder do cargo. [...] (2014, p.62)

Apesar de tantos avanços em diversas áreas, ainda percebe-se o quanto é forte essa concepção de manter a mulher realizando um trabalho submisso ao do homem, que precise de sua supervisão. Mais uma vez, o gênero se faz presente estabelecendo a hierarquia nas relações de poder.

Um espaço de atuação da mulher na sociedade, uma de suas primeiras conquistas no mercado de trabalho,foia profissionalização do magistério. O Curso Normal foi um dos cursos oferecidos no Colégio Imaculada Conceição. Quando é perguntada se a educação recebida no Colégio Imaculada Conceição teve influências na escolha de sua profissão, a entrevistada afirmou que sim

*eu sempre dizia assim ai, eu quero ser professora, que coisa mais linda, todo mundo admira a professora'.[...] Contribuiu porque eu achava o máximo. Total influência. Porque naquela época o aluno respeitava o professor, então ele conseguia fazer um bom trabalho e era um colégio de freiras então era aquele regime, todo mundo se respeitava[...]*

A visão que se tinha da mulher na década de 1960 não permitia que ela exercesse alguma profissão além do magistério, como mostra a entrevistada: “Naquela época (1966), a mulher não tinha a liberdade que ela tem hoje, ela não participava tanto do mercado de trabalho quanto hoje [...] era mais dona do lar, cuidando do filho”. A partir dessa concepção vão surgindo e reforçando-se diversos preconceitos em relação aos papéis desempenhados pelas mulheres, ou melhor, o que lhes fosse permitido desempenhar.

A questão do mercado de trabalho é um dos setores onde se percebe mais claramente as distinções, pois há cargos definidos para os homens que dificilmente são assumidos por mulheres, como os cargos de chefia. Sempre está presente a ideia de submissão da mulher em relação ao homem e o domínio masculino.

Sabe-se que biologicamente o sexo masculino é mais forte que o feminino por conta da quantidade de músculos e força, mas a ideia de opressão, de dominação do masculino sobre o feminino é uma construção histórica, e como tal pode ser modificada, para que a sociedade, como um todo, não continue concebendo como natural que as mulheres se submetam a um casamento onde não há respeito e as agressões por parte do homem são constantes, ou que a mulher não pode assumir cargos públicos de destaque pois não sabe administrar, ou que precise da supervisão de um homem no trabalho que desempenha.

A educação feminina ajudou no reforço dos preconceitos, mas em algum momento também contribuiu para que essas mulheres pudessem escolher o que realmente queriam realizar na sociedade, em que espaços queriam atuar, quais papéis desempenhar e a partir daí começam a lutar por seus direitos e obtenção de conquistas. Se no início do século, o magistério era a única alternativa de formação profissional, atualmente as mulheres ocupam os mais diversos campos de trabalho. Se não tinham direito ao voto, hoje conquistam altos cargos políticos que antes eram dominados pelos homens.

Outra grande conquista da mulher na sociedade foi a Lei Maria da Penha, a respeito da qual a entrevistada afirma:

*antes a mulher casava e dependendo do casamento ela sofria violência doméstica, uma violência sexual, então essa lei Maria da Penha contribuiu muito pra defesa da mulher, hoje em dia a mulher tem como se defender, antigamente ela aguentava no osso do peito porque às vezes era chato, era feio se separar, aquele preconceito todo.*

Mais um preconceito em relação à mulher, o divórcio. A pessoa divorciada era mal vista pela sociedade, atualmente ainda existem pessoas com esse pensamento, mas as mulheres buscam uma vida de qualidade em que apanhar do marido e se submeter às suas vontades já não é algo tão comum.

Tivemos grandes avanços, mas ainda há muito para se modificar, principalmente os preconceitos que são uma herança cultural muito forte em nosso país. A entrevistada reforça as ideias discutidas através de sua fala sobre o perfil frágil da mulher, a violência que por muito tempo aguentaram caladas apesar das conquistas mencionadas por ela. Essa visão de perfil frágil é uma herança cultural resistente, visto que a entrevistada tem uma boa formação acadêmica, mas evidencia esse preconceito que algumas vezes é superado e em outras continua sendo trazido à tona, como na entrevista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada percebe-se o quanto a mulher e a educação feminina foram deixadas em segundo plano, o quanto a sociedade discriminou e reforçou os preconceitos em relação à mulher e seus espaços de atuação. Usando a educação ofertada pelo Colégio Imaculada Conceição como base para minha pesquisa,

busquei mostrar os princípios que orientavam a formação da mulher nessa instituição: queria se formar uma boa esposa com uma postura religiosa, que vivesse dentro da moral e dos bons costumes; a profissionalização deveria ser algo adequado as funções de mãe, de cuidar e educar crianças, ou seja, ser professora. Não estou aqui condenando a escolha de tal papel feminino, apenas faço uma análise buscando responder a questão que gerou a minha pesquisa: Como se manifestam, atualmente, aspectos do que ‘é ser mulher’ que orientavam a educação feminina no Colégio Imaculada Conceição?

Muitos aspectos dessa educação ainda se manifestam atualmente, principalmente, os preconceitos. Outros foram superados, como a ampliação dos espaços de atuação da mulher na sociedade, que transcendeu o privado e foi para o público, a liberdade de expressar suas ideias e a independência em diversos setores de sua vida.

Os preconceitos de maior destaque estão os relacionados ao poder. É muito forte a ideia de que a mulher não possa assumir altos cargos por falta de competência ou que precise da chefia de um homem, embora em nosso contexto brasileiro tenhamos uma mulher ocupando o mais alto cargo, o de presidente da república. Não vou analisar a forma como governa, pois esse não é o enfoque deste estudo, o que nos importa é perceber que se obtiveram conquistas, mesmo que ainda enfrente alguns comentários maldosos, mas isso também faz parte do cenário político. Se pensarmos no município de Jaguarão, o cenário político recentemente vem contando com a atuação das mulheres, no cargo de vereadoras. Não tivemos candidatas a prefeitas até o momento.

Em nível nacional, tivemos um acontecimento de grande repercussão no dia 01/01/2015, após a posse da presidente da república Dilma Rousseff. Nas redes sociais foram publicados comentários ridicularizando a roupa usada por ela, entre os quais estão: “Alguém pegou o paninho de cobrir o botijão de gás e vestiu na Dilma.” Ou ainda: “Eu fico impressionada com a deselegância do vestir, do andar, do jeito de ser.” Será que isso aconteceria caso a pessoa a assumir o cargo fosse um homem? Provavelmente não. Esses comentários mostram o quanto a sociedade ainda discrimina as mulheres.

Outro grande problema que as mulheres enfrentam, e enfrentarão por muito tempo, é a questão da violência doméstica. A violência doméstica é derivada da sociedade patriarcal, onde a mulher tinha que se submeter ao homem e, caso fosse desobedecido, utilizava de atos de violência para corrigi-la. Nesse sentido, tivemos uma grande conquista que foi a Lei Maria da Penha, mas as mulheres ainda têm muito medo

e até um pouco de preconceito em buscarem esse recurso. Isso se deve ao fato de, por muitos anos, se considerar que era “feito” ser mulher separada, que a mulher deveria buscar alternativas para que o casamento desse certo, não importando que elas tivessem que se submeter às condições de violência.

Importante destacar que, mesmo com mudanças positivas para as mulheres em diversos setores da sociedade, ainda estão muito presentes as ideias da sociedade patriarcal, mas isso é passível de transformação visto que depende de contextos históricos. Embora essa configuração de sociedade tenha se perpetuado por séculos, mesmo que não de forma tão radical quanto da sua constituição, já está na hora de abandonar velhos paradigmas relacionados às mulheres, e considerá-las como um seres capaz de competir em igualdade de condições com os homens.

Finalizando, os princípios que orientavam a educação feminina ofertada no Colégio Imaculada Conceição ainda estão presentes na sociedade, na constituição da identidade das mulheres, visto que elas ainda têm que conviver com tantos preconceitos, com tantas ideias equivocadas sobre os papéis que desempenham na sociedade e seus espaços de atuação. Sendo assim, a educação feminina ofertada no início do século XX às mulheres tem alguns de seus aspectos manifestados atualmente.

## REFERÊNCIAS

A Banda feminina do Imaculada. Disponível em:

<http://confrariadospoetasdejaguarao.blogspot.com.br/2014/09/a-banda-feminina-do-imaculada.html> acesso em 06/09/2014.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: UNESP, 1998.

Alunas da 5ª série normal. *FRANCISCANAS EM JAGUARÃO*. 22/05/1967. Disponível no Instituto Geográfico e Histórico de Jaguarão.

COSTA, A.M.; SILVESTRE, R.M. Uma reflexão sobre o poder, mulher e saúde. In: VENTURI, G; RECAMÁN, M; OLIVEIRA, S (Org.). *A mulher brasileira os espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 61-74 .

DEL PRIORE, Mary. *Conversas e histórias de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

*Irmãs Franciscanas: um jeito de seguir Jesus*. Disponível em:

<http://www.irmasfranciscanas.com/quemosomos/nossahistoria/nossahistoria.html>. Acesso em 16/12/2014

LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres*. UFRGS, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

*O mal da indiferença*- Simone Beauvoir “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Disponível em: <http://feministactual.wordpress.com/2008/01/09simone-de-beauvoir-ninguem-nasce-mulher-torna-se-mulher/> acesso em 19/01/2015.

*Os melhores tuites sobre o vestido de Dilma na posse*. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/roupa-de-dilma-rousseff-na-posse-chama-a-atencao-no-twitter> acesso em 06/01/2015

PADUA, E.M.M. *Metodologia da pesquisa*: abordagem teórico- prática. 2.ed. São Paulo: Papirus, 1997.

PIANA, Maria Cristina. *A construção da pesquisa documental*: avanços e desafios na atuação do serviço social no campo educacional. São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

RIBEIRO, Diamila. *As diversas ondas do feminismo acadêmico*- Os diferentes momentos dos estudos acadêmicos voltados às questões da mulher e um desafio do momento atual. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista>

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero e patriarcado: violência contra mulheres. In: VENTURI, G; RECAMÁN, M; OLIVEIRA, S (Org.). *A mulher brasileira os espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 43-59.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação&Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

(Recebido em julho de 2016; aceito em setembro de 2016)

## ANEXOS

**Foto do último prédio onde funcionou o Colégio Imaculada Conceição.**



Fonte: Franciscanas em Jaguarão- 1967. Acervo do Instituto Geográfico Histórico de Jaguarão

Fotos do CTG



Fonte: Franciscanas em Jaguarão-1967.Acervo do Instituto Geográfico Histórico de Jaguarão



Fonte: Franciscanas em Jaguarão- 1967. Acervo do Instituto Geográfico Histórico de Jaguar

## Fotos de participação em festas da cidade

### Quermesse



Fonte: Franciscanas em Jaguarão- 1967. Acervo do Instituto Geográfico Histórico de Jaguarão

Desfile de 7 de Setembro



Fonte: Franciscanas em Jaguarão- 1967.Acervo do Instituto Geográfico Histórico de Jaguarão